"Parece uma mulher, mas é um traveco": produções discursivas marginais e transfóbicas nas vivências de uma travesti professora

DANILO DIAS*

MARCOS LOPES DE SOUZA**

Resumo: Esta investigação analisou os discursos sobre uma travesti professora que lecionava em escolas de uma região periférica da cidade de Jequié-BA. O percurso do trabalho se deu por meio da aproximação com a participante da pesquisa seguido das visitas à localidade em que mora e em algumas das escolas nas quais ela trabalhou. Para a produção do material empírico foram utilizados o diário de campo, a entrevista narrativa com a travesti professora e a semiestruturada com algumas professoras das escolas em que ela trabalhava. Formada em Pedagogia, a travesti professora perturbava continuamente o lugar da norma e inquietava xs colegas de trabalho, já que muitxs professorxs não reconheciam a identidade travesti e, por várias vezes, desejavam que ela se enquadrasse na cisnormatividade, assumindo o lugar de homem gay. Para ela, ser travesti não é uma tarefa fácil em nossa sociedade, mas, por outro lado, trata-se de viver os seus desejos e aspirações nos mais variados campos e segmentos sociais, reconhecendo a importância de fazê-lo como requisito básico para viver em plenitude e que por isso é importante enfrentar os processos discriminatórios e resistir.

Palavras-chave: travestilidades; docência; Transfobia; identidade de gênero.

"It looks like a woman, but it's a traveco": marginal and transphobic discursive productions in the experiences of a teacher transvestite

Abstract: This research analyzed the discourses about a transvestite teacher who taught in schools in a peripheral region of the city of Jequié-BA. The course of the work was done by approaching the research participant followed by the visits to the locality in which she lives and in some of the schools in which she worked. For the production of the empirical material the field diary, the narrative interview with the transvestite teacher and the semistructured with some teachers of the schools in which she worked, were used. Formed in Pedagogy, transvestite teacher continually disturbed the place of the norm and disturbed her work colleagues, since many professors did not recognize the transvestite identity and, several times, they wanted her to fit into the norm, taking the place of a gay man. For her, being a transvestite is not an easy task in our society, but on the other hand, it is about living your desires and aspirations in the most varied fields and social segments, recognizing the importance of doing it as a basic requirement for living and that it is therefore important to deal with discriminatory procedures and to resist.

Key words: transvestilities; teaching; transphobia; gender identity.

* **DANILO DIAS** é Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2017).

** **MARCOS LOPES DE SOUZA** é Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlo; professor titular do Departamento de Ciências Biológicas (DCB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié-BA.

No dia 15 de fevereiro de 2017, no bairro Bom Jardim, em Fortaleza, a travesti Dandara Kataryne, de 42 anos, foi brutalmente agredida com murros, pedradas, chutes, pauladas e tiros, um crime cometido por doze jovens e feito com requintes de crueldade. Este crime de ódio como outros que acometem as travestis quase que diariamente em nosso país, como relata Jesus (2014), nos inquieta em pensar sobre a necessidade de pesquisas que denunciem e analisem as várias facetas da transfobia e, ao mesmo tempo, visibilizem as travestilidades.

Apesar de um considerável aumento de pesquisas sobre travestis no Brasil nos últimos tempos, ainda há muito do que se discutir, abordar e problematizar sobre as possíveis compreensões do ser travesti, da maneira como são vistas e de como se veem e se compreendem no decorrer das experiências de vida.

No trabalho realizado por Benedetti (2005), a compreensão da travestilidade está voltada para as configurações corporais de aproximação do gênero feminino. Aparece ainda em alguns estudos sobre a temática, a característica de que para serem identificadas como travestis, muitas não desejam realizar a cirurgia de transgenitalização por entenderem que o pênis não nega a sua feminilidade e que não há, em geral, a incompatibilidade com esta genitália (PELÚCIO, 2006).

O feminino buscado por boa parte das travestis não é consensual e unívoco nas suas visões e que não se trata necessariamente do mesmo feminino das demais mulheres, mas que é antes um feminino "tipicamente travesti, sempre negociado, reconstruído, ressignificado, fluido. Um feminino que se quer evidente, mas também confuso e borrado, às vezes apenas esboçado" (BENEDETTI, 2005, p. 96).

Pensar sobre as identidades travestis no século XXI requer o entendimento de que a autoatribuição por parte das sujeitas deve ser considerada na construção das relações entre as travestis e os demais segmentos da sociedade. Talvez esse seja um dos grandes desafios quando falamos das relações intersubjetivas entre as travestis e outras identificações, pois a ideia de que existe uma univocidade e uma essencialidade do ser, principalmente quando se discute questões em torno do gênero e das sexualidades, ainda é fortemente disseminada nos espaços sociais e institucionais em geral.

Em sua pesquisa etnográfica, Santos

(2015) traz alguns relatos sobre as experiências e vivências com as travestis profissionais do sexo no interior do Rio de Janeiro. Ao discutir sobre as travestilidades possíveis, ele considera que as identificações e autoidentificações são dotadas de uma plasticidade maior do que se espera e que a potencialidade do tornar-se travesti está para além da hipersexualização atribuída às travestis de modo geral. É preciso levar em conta o dinamismo presente nas identificações das travestilidades e suas multiplicidades, deslocando, por exemplo, a associação intrínseca que é feita entre a prostituição e a travestilidade.

Por outro lado, embora consideremos que ser profissional do sexo não seja um destino para as travestis, algo que elas devam se fixar, isto não quer dizer que elas também não possam desejá-la para suas vidas. A prostituição pode ser vista também como uma atividade profissional que inclua o desejo e o prazer. Talvez o estigma ainda exista por conta de uma denotação negativa e marginal que se construiu socioculturalmente ao longo dos tempos para os lugares de prostituta e a prostituição. Ao pensar em outras nomeações como, por exemplo, acompanhantes de luxo, o significado e as formas de olhar para a questão se deslocam para outro campo semântico em que o uso da linguagem, por meio de outras terminologias tende a produzir outros lugares não necessariamente indesejáveis socioculturalmente, até porque aqui entra a questão da classe social.

Essas instabilidades nos levam a considerar as vivências da travestilidade como experiências plurais. Deste modo, corroboramos com Pelúcio (2009, p. 27) que adota o conceito de *travestilidades* por considerar "que ele alarga aspectos de categorização identitária do termo 'travesti' que pode ser bastante simplificador quando busca contemplar a gama de possibilidades dessa experiência".

Perante esses apontamentos, este trabalho se interessou em trabalhar com uma travesti professora que lecionava em escolas do ensino fundamental na cidade de Jequié, interior baiano. A pesquisa se detém desta forma, a observar e analisar a travesti em suas vivências tomando como formas de atribuição as suas identificações e (des) identificações no decorrer das suas narrativas, bem como com as conversas realizadas com alguns membros da comunidade escolar em que trabalhou.

Um dos motivos que consideramos relevante também na escolha de pesquisar as travestis professoras é que, em certa medida, temos o anseio de que essas vivências da travestilidade e essas práticas utilizadas pela travesti participante da investigação possam trazer ensinamentos importantes e grandes contribuições para pensarmos sobre travestilidades, identidades e educação. Assim sendo, as questões norteadoras do estudo foram: Como a professora travesti é vista pela comunidade escolar em que ela trabalha, especialmente pelas suas colegas professoras? De que maneira ela lida com os discursos construídos por essa comunidade em relação à sua identidade de gênero?

A construção do percurso da pesquisa

A construção deste trabalho se pautou na perspectiva pós-estruturalista, afastando-se dos estudos essencialistas, em virtude de desejar novas formas de análise acerca das identidades travestis, por compreendê-las como vivências que borram as fronteiras demarcadas de

gênero (feminilidade versus masculinidade). Entendemos que não é necessário universalizar e nem padronizar as formas de estar no mundo, pois as subjetividades, as particularidades estão para além das normatizações e das normalizações e que há formas de escape a tudo isso (CORAZZA, 2007).

Neste caminho que construímos e seguimos, deslocamos as certezas e operamos com as provisoriedades. Portanto, admitimos que os procedimentos e o trilhar metodológicos aqui apresentados não foram realizados com passos rígidos, pois compreendemos que a tessitura metodológica deve se adequar às necessidades da investigação.

A pesquisa teve início quando o primeiro autor do trabalho soube da existência de uma travesti professora de uma escola de rede municipal de Jequié-BA, por intermédio da indicação de uma mestranda do programa de pós-graduação *stricto sensu* do qual ele fez parte. O primeiro contato com ela foi feito por meio de uma ligação telefônica e ela demonstrou receptividade em ouvir e aceitar conversar sobre a pesquisa. No primeiro encontro com Louranya[1], ela aceitou prontamente em participar da pesquisa e dali em diante foram feitos outros encontros que permitiram o desenvolvimento do trabalho. A produção do material empírico com ela se deu por meio da entrevista narrativa por defender que esta seja uma opção que preserva "perspectivas particulares de uma forma mais autêntica" (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2014, p. 91). Narrar significa contar histórias sobre situações vivenciadas pela interlocutora. A proposta foi que ela descrevesse elementos considerados relevantes em sua vida diante do contexto social e sua perspectiva de mundo. Segundo Bauer e Jovchelovitch (2014), os pontos mais centrais da produção narrativa devem ser contados ao máximo em sua cobertura e extensão para que seja possível uma maior sistematização e sequenciamento dos acontecimentos.

A entrevista narrativa é uma ferramenta da pesquisa qualitativa, uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas, e sua conceituação decorre de uma espécie de crítica ao esquema impositivo de pergunta-resposta da maioria das entrevistas. Por meio das narrativas "histórias são escritas e identidades são discursivamente produzidas" (ANDRADE, 2014, p. 182).

Além de Louranya, foi estabelecido contato com algumas pessoas que tinham relação com ela, no caso, a coordenadora pedagógica de uma escola em que ela lecionou e outras professoras colegas de trabalho. Com essas participantes foram feitas entrevistas semiestruturadas a fim de compreender como elas viam Louranya. Essas entrevistas foram gravadas em áudio, posteriormente transcritas e analisadas. Durante as visitas na comunidade em que ela morava e nas escolas em que trabalhou também foi utilizado um diário de campo para registar as informações que considerássemos pertinente para este estudo.

Neste momento faremos uma apresentação de Louranya, as vivências dela na localidade em que reside e, posteriormente, apresentaremos análises das compreensões da travestilidade por parte de algumas pessoas das escolas em que Louranya lecionou.

[1] Neste trabalho mantivemos o nome pelo qual a participante se identifica, pois foi desejo dela que não fosse substituído por um fictício.

Quem é a travesti professora? Como é a sua vivência na comunidade?

Louranya se autoidentifica como travesti. Nasceu e criou-se na comunidade do Km 04, bairro da periferia de Jequié, interior baiano. De família pobre, era designada a ajudar nos afazeres e nos trabalhos que a família tinha para ganhar o seu sustento. Ao acompanhar o avô em suas atividades de pescaria e de comercialização dos peixes, ela percebeu mais fortemente que não se identificava com aquilo e que precisava buscar meios para a realização profissional alcançando a profissão desejada. Nas conversas que tivemos, ela constantemente afirmava o desejo que tinha em ser professora e, por isso, se dedicou aos estudos para concretizar este objetivo.

Ela acreditava que sendo professora teria condições de ajudar de maneira mais eficiente e produtiva a comunidade. Claro que os desafios foram inúmeros e outros ainda permanecem. Sem muitos detalhes, ela contou que fez faculdade de Pedagogia e após terminar a graduação, começou a procurar trabalho. Ela foi aprovada em alguns processos seletivos e passou a lecionar em creches e turmas do 1º ao 5° ano do ensino fundamental. Até o momento da realização da pesquisa, ela contava com 12 anos de experiência docente.

Louranya sempre viveu na mesma comunidade em que nasceu (Km 04) e lecionava em escolas que também se localizavam nessa região (entre Km 03 e Km 04). No município de Jequié, são regiões consideradas de periferia. Mas, como podemos entender a periferia ou periférico nessas circunstâncias?

> Termos como *favela, cortiço, periferia*, ou mesmo as palavras *gueto e subúrbio*, vez ou outra, são usados para designar o lugar de moradia dos pobres da cidade, tanto pela literatura acadêmica como pelo pensamento do senso comum. Mas, embora pareçam significar a mesma coisa, há entre os diversos modos de habitação popular, expressivas diferenças que variam desde o processo de formação e desenvolvimento desses locais – numa perspectiva mais histórica – até a forma de significação atribuída pelos seus moradores (ÁVILA, 2006, p. 25).

Com base em Ávila (2006) é importante reconhecer que existem vários entendimentos sobre a periferia e, muitas vezes, sem um consenso. Na periferia à qual Louranya pertence há um reconhecimento de que estão em um lugar que ainda é muito esquecido pelas autoridades competentes quando se trata de políticas públicas estruturais para atender a estrutura da comunidade, além de ser mal visto por conta de se encontrar em uma localidade afastada do centro. No Km 04, o acesso à escola é reduzido por conta dos poucos estabelecimentos de ensino existentes na comunidade. Em muitos casos é preciso o deslocamento para bairros vizinhos. No tocante à saúde, também há uma dificuldade maior de acesso aos serviços, tendo em vista que os postos de saúde e/ou hospitais praticamente inexistem nas proximidades.

Mas apesar das mazelas e dificuldades que ainda assolam os lugares, de forma geral, os membros dessa comunidade buscavam se unir e mantinham certa afinidade e respeito entre si, principalmente quando se trata de relações com outros grupos de espaços vizinhos ou mais distantes. Podemos perceber um pouco dessas relações na fala proferida por Louranya quando solicitada a abordar sobre como ela se vê hoje e como se percebe na

comunidade:

> **[Louranya] Pra mim é tranquilo. Sempre vivi aqui. Todo mundo daqui ou do km 03 ou do Mandacaru onde eu trabalho atualmente, as escolas que eu passei todo mundo me adora**. Nunca senti essa sensação de ser um monstro ou coisa de outro mundo, por exemplo. A sensação que eu tinha era a sensação que eu sou a pessoa que eu sou. Nunca deixei ficar achando que eu era um monstro que eu era isso que era aquilo não. Porque isso não é, essa questão de homossexualidade, de travesti não é monstro. Todos têm essa visão, mas não é, entendeu. **Somos pessoas normais: trabalhamos, andamos, passeamos, namoramos, curtimos como qualquer outro ser humano. Então aqui, a comunidade do bairro do km 03, km 04 eles aceitam muito bem e respeitam e valorizam, entendeu? Agora em outras comunidades eu já não sei porque eu já passei por algumas comunidades, já fui em questão de trabalho, em questão de curtição e eu percebo a diferença porque todo mundo olha torto né aquele olhar assim torto: Ó o viado que tá chegando, o travesti. Todo mundo olha. Eu já percebi isso em outros lugares, mas não onde eu moro.** Onde eu moro o pessoal é bem tranquilo. Respeita mesmo. Nasci aqui, fui me criada aqui e vou morrer aqui! Então é como eu te digo, a comunidade aqui onde eu vivo, por ser periférica, eles aderem a mim ao meu estilo, do que eu sou muito bem. Não tenho nenhuma desavença com ninguém. Nenhuma, nenhuma, nenhuma. Muito pelo contrário. Sou bem querida por todo mundo, todo mundo gosta de mim, todo mundo admira meu trabalho, todo mundo gosta do que eu faço. E é isso, entendeu? Já em outros lugares eu não me senti muito a vontade como eu sinto no meu bairro. Eu sinto mais retraída (grifo nosso).

Essa narrativa é importante para pensarmos a configuração de comunidade periférica apresentada por Louranya pensando as suas relações com o segmento comunitário. Nesse sentido, pensar periferia está para além dos demarcadores sociais de classe, riqueza material ou pobreza, mas antes, ser periferia, na perspectiva apresentada por ela é ter respeito por todas as pessoas que a compõem, é reconhecer-se não como melhor, nem como pior no grupo, mas como alguém que compõe e ajuda na manutenção de suas fronteiras.

Ser periferia desse modo ainda é ser conhecidx e reconhecidx pela comunidade em que vive e também pelas comunidades circunvizinhas como uma importante figura docente e que, em alguma medida, contribuirá para o desenvolvimento da comunidade. É falar com todxs, buscando amizades, evitando inimizades e vivendo um dia após o outro.

Mas ser periferia nessa compreensão é principalmente ser a pessoa que se é, reconhecendo x outrx como membro que faz parte da comunidade, mas também é perceber que em outras comunidades pode não ser assim. Ser periferia também é nascer, ser criada, viver e morrer na comunidade sem pensar em se abdicar disso. É não preferir se mudar para o centro da cidade ou para outro lugar em que as pessoas achem que seja melhor para se viver, afirmando que a periferia se trada de um lugar em que só se observa "um movimento geral de precarização" (GUIMARÃES, 2011, p. 92).

Percebemos que há uma produção discursiva que, em certa medida traz uma nova perspectiva de olhar a

periferia, ao menos para aquela mencionada na narrativa. Louranya se reconhece como parte da comunidade e mais do que isso, ela traz uma possibilidade de entendimento que toma perspectivas de maior reconhecimento do pertencimento no qual se insere. Desse modo, ser travesti na periferia não é algo perturbador, pelo menos no caso estudado.

Como algumas professoras da comunidade escolar veem Louranya?

Segundo Louranya, ser travesti, professora e estar na escola são características que se destacam muito mais e que ela percebe com mais impacto em suas vivências. Durante as visitas feitas nas escolas em que Louranya trabalhou e também conversando com algumas pessoas, muitas foram as leituras feitas em relação a ela. Uma das que nos chamou a atenção foi a de que *"travesti é homem que quer parecer mulher e ponto"*.

Essa simplória, normativa e taxativa resposta é recorrente no imaginário e no campo de compreensão de muitas pessoas quando o assunto é discutir travestilidades, visto que esse processo de atribuição dado por outrem à pessoa travesti não dispõe, utilizando da fala de Pelúcio (2009), de uma profunda genealogia dos termos de que se tem disponibilidade para referirem-se às identidades ditas marginais.

Ao afirmar que travesti é homem mesmo e ponto há uma reiteração de um discurso biológico que considera o sexo atribuído no nascimento da pessoa como verdade imposta para aquele corpo, mesmo que a pessoa se reconheça em outro sexo/gênero. Em outras palavras, ela não poderá fugir daquilo que lhe foi imputado pelo sexo. Está fadada ao destino de ser homem.

O enunciado *é homem que quer parecer mulher e ponto* é restrito no sentido de que a pessoa seria necessariamente definida (homem) e quer parecer com outra que em certa medida não lhe cabe (mulher). Esse entendimento é cisnormativo, pois pressupõe que o gênero deve estar coerente com o sexo imputado durante o nascimento, não podendo desviar-se da norma. Viviane Vergueiro nos aponta que:

> [...] a cisnormatividade, ou normatividade cisgênera – se exerce através de variados dispositivos de poder interseccionalmente situados, efeitos colonizatórios sobre corpos, existências, vivências, identidades e identificações de gênero que, de diversas formas e em diferentes graus, não estejam em conformidade com seus preceitos normativos (SIMAKAWA, 2015, p. 43).

O discurso cisnormativo é tão potente que as pessoas não concebem a possibilidade de questionamento ou de escape a cisgeneridade e, quando isso acontece, as travestis e as/os trans são lidxs como estranhxs, penalizadxs e, muitas vezes, assassinadxs.

Para continuarmos a análise trazemos o registro de uma entrevista feita com uma das professoras que compunha o quadro de efetivos da escola e que declarava ser tranquila a presença de Louranya na época em que ela teve sua primeira experiência como docente.

> **[Pesquisador]** Mas então, para você o que é uma travesti?
>
> **[Professora Joana]** Para mim é **um homem homossexual** que se veste e se arruma como se fosse uma mulher e gosta de viver assim todo o tempo sem se preocupar com o que os outros vão achar.
>
> **[Pesquisador]** E você acha que ela faz isso com quais objetivos? Qual a sua opinião?

> **[Professora Joana] Ela quer ser vista como uma mulher bonita e desejada para poder namorar com os homens que deseja**, porque tem muitos por aí que se dizem homens e que ficam procurando outros homens por fora. **E mesmo que a travesti pareça uma mulher, tem até muitas que ninguém diz tratar-se de um homem, mas ainda assim eles não deixam de ser homens** (grifo nosso).

É ainda recorrente, por parte de muitas pessoas, à vinculação da travestilidade a uma homossexualidade masculina. Considero esta uma questão importante a ser trabalhada, pois é necessário compreender que os processos de subjetivação dessas pessoas não são tão simples e que identificar-se como travesti diz das construções de gênero dessa pessoa e não de seu desejo ou atração afetiva e/ou sexual. Há um embaralhamento do gênero e da sexualidade de tal forma que gay e travesti são vistxs como sinônimos ou que a travesti fosse um gay "exagerado" ou "extravagante", um homossexual que desejaria ser uma mulher. Inclusive a professora Joana continua afirmando que as travestis querem namorar com homens, como se toda a travesti tivesse esse desejo intrínseco e não se interessasse por outra travesti, uma mulher cis etc.

Entender a travesti como alguém que deseja "parecer o que não é" está latente não somente para esta professora, mas para outras também. Inclusive ela se convence de que muitas travestis conseguem isso, tanto que passam despercebidas, ou se "passam por mulheres", contudo para ela há algo intrínseco, uma essência masculina que não se modifica mesmo com as construções das feminilidades pelas travestis. De alguma forma, há um apagamento e uma invisibilidade das travestilidades em decorrência da cisnormatividade, já que para esta professora, as travestis querem "ser o que elas não são", mesmo parecendo ser.

Além dessas questões, quando as pessoas se referem às travestis, ainda utilizam o nome de batismo, este ancorado no gênero masculino, reiterando que as travestis ainda são lidas como homens. No caso de Louranya, as pessoas da comunidade, inclusive alunxs e ex-alunxs, a tratavam por "Binho", nome atribuído pelxs moradorxs da comunidade e por pessoas próximas desde sua infância. Havia relutância das pessoas em chamá-la pelo nome feminino. Os argumentos eram, em sua maioria, voltados para a ideia de que este era um nome estranho para ser direcionado a Louranya, pois mesmo que, na perspectiva delxs, ela se "vestisse com roupas de mulher" e fosse uma travesti, continuava com o nome que todas as pessoas a conheciam desde sempre.

Para alguns/algumas de seus alunxs, chamá-la pelo apelido seria mais tranquilo de modo a que ela não se tornasse motivo de gozação na escola por parte de outras pessoas e outros grupos da comunidade escolar. As nomeações no masculino atribuídas à professora travesti no espaço institucional da escola são utilizadas como recursos de "proteção" e "preservação" à imagem de "professor" que ela deve ter no trabalho. Há, de certo modo, uma inversão nos sentidos de proteger e preservar as pessoas.

Ainda nesta discussão, em um diálogo com Letícia, outra professora dos anos iniciais do ensino fundamental da terceira escola em que Louranya trabalhou desde o início da docência, ela disse que *"travesti parece uma mulher,*

mas é um traveco". Este enunciado nos possibilita a fazer alguns questionamentos: O que significa ser traveco? Como se caracteriza? Trata-se de algum xingamento? Elogio? Identidade? Muitos são os questionamentos e as respostas ou possibilidades de explicação.

Percebemos que há certo estranhamento na utilização da palavra para referir-se às travestis e, por conta disso, arriscamos assim como Pelúcio (2009), à possibilidade de uma analogia *queer* para que assim seja possível maior questionamento das expressões. Segundo esta mesma autora,

> O termo *queer*, em português, pode equivaler a esquisito, bizarro, estranho; como também a viado, bicha. Mas sua conotação em inglês é mais ofensiva, tratando-se de uma injúria que identifica o injuriado como "desviante", guardando ainda o sentido de anormal, defeituoso, impuro. O queer tem sido usado como insulto que procura denunciar no insultado sua "esquisitice", estreitamente ligada à sexualidade, assim como a sua detectável "inadequação" de gênero (PELÚCIO, 2009, p. 205).

Talvez essa seja uma possibilidade para se pensar os usos atribuídos ao termo traveco, pois se aproxima daqueles elaborados pelo *queer,* no sentido de que ao proferi-lo, em seus meios mais usuais, esteja denunciando no insulto, a condição de pessoa estranha atrelada ao gênero e sexualidade duplamente "desviante". Ao dizer: "*parece uma mulher, mas é um traveco",* há uma tentativa, ao menos inicial de se criar outra categoria para este corpo que se insere, por assim dizer no campo da anormalidade.

Considerando os cuidados que devemos ter ao fazer uso do termo *queer* para atribuições e denunciações, corroboramos com Pelúcio (2009, p. 206) ao perguntar: "Que forças de poder engendram categorias como "*queer*", "gay", "lésbica", a ponto de fazê-las não identidades reivindicadas, mas termos de discursos que imputam, aos assim designados, um lugar marginal?".

Com esse questionamento é possível pensarmos sobre o uso da categoria traveco como um leque de possibilidades para problematizações. Por meio de algumas análises feitas por pesquisadorxs da área percebemos que o uso desse termo, por parte de algumas pessoas e grupos, para referirem-se às travestis tendem, geralmente, a torná-las como tipos de identidades não requeridas e protestadas.

Em sua etnografia, Santos (2015) conversou com alguns rapazes frequentadores e usuários dos serviços de sexo disponíveis em pontos de prostituição de travestis. São perceptíveis as semelhanças presentes nessa pesquisa no tocante ao posicionamento de alguns rapazes ao falarem sobre suas experiências com as travestis, pois para demonstrarem fúria à negação do sexo feita pelas travestis que estes rapazes procuravam, eles utilizavam de termos como travecos ou travecões com a intenção de diminuírem as qualidades das travestis que rejeitaram o sexo.

Há uma constante e reiterada menção às travestis como travecos com o intuito de afirmar o lugar de desvalorização mais acentuado dentro da própria condição marginalizada em que querem colocar as travestis. Nesse contexto, os discursos em torno do traveco funcionam como reiterações e materializações de discursos patologizantes e criminalizantes que produzem uma forma mais marginalizada da travestilidade.

Assim, a travesti, nessas circunstâncias possui um status de maior atribuição valorativa e de qualidade enquanto que os travecos seriam uma espécie de depreciação e decadência da categoria das travestis, pois serve, em muitos casos como uma espécie de xingamento da categoria. Acontece, portanto uma movimentação nos setores de margem que gerenciam os sentidos e significados de determinadas categorias passando a exercer funções das mais diversas no âmbito intencional e contextual. Inclusive traveco é lido no masculino para mais uma vez negar as feminilidades das travestis.

Para os *t-lovers*[2] pesquisados por Pelúcio (2009), travecos ou travecões são as expressões atribuídas àquelas travestis que por algum motivo não estão nas conformidades almejadas e desejadas para relacionamentos sexuais e afetivos. Nesse contexto, ser um traveco aponta para o pouco ou nenhum investimento nas fabricações do feminino nos seus corpos, deslegitimando sua condição e colocando-as em um local mais a margem que as travestis. Traveco é visto assim como uma maior desqualificação da feminilidade e da mulher que uma travesti deve carregar em seu corpo.

Nas relações entre grupos, as travestis utilizam o traveco tanto para as intenções apresentadas anteriormente, como para formas de expressão de identificação de maior intimidade entre si, passando a tomar contornos que mais se aproximam de relações mais amistosas e de consentimento. Nesse contexto o traveco ganha autoridade e legitimidade para estar circulando entre elas e para com elas. Esse contexto se aproxima em certa medida, daquele em que os meninos gays utilizam o *'viado'* como forma de valorização da categoria e de bem-estar em suas comunicações. Fora desse contexto possui uma configuração depreciativa e homofóbica para designar as pessoas de orientação sexual diversificada daquela naturalizada.

Ainda entendendo os discursos sobre travestilidades, em outra visita em uma das escolas que Louranya foi professora, pudemos dialogar com a equipe gestora, coordenação pedagógica e outras docentes. Durante os momentos de conversas e descontração, a coordenadora pedagógica, que parece ter certa proximidade e intimidade suficiente com Louranya, fez comentários sobre algumas fotos postadas na rede social Facebook em que Louranya esbanja sensualidade e exibe o seu corpo coberto com um biquíni. Os comentários feitos pela coordenadora pedagógica são mais voltados para o fato de que ela estava lindíssima e exibindo muita beleza, mas que poderia usar um pouco mais de roupas. Podemos notar que há uma interdição dos corpos.

Para a coordenadora pedagógica, a beleza pode ser admirada e mostrada, mas desde que se utilizem vestimentas que cubram o corpo, principalmente no espaço escolar de trabalho, visto como um lugar de 'respeito'. Não se pode mostrar o corpo e a sensualidade nesses lugares. Não mostrar o corpo, neste caso aqui apresentado, pode se referir à ideia de que professorxs, ao menos em boa parte nos dias atuais, não devem parecer pessoas dotadas de sexualidade(s), mas que, pelo contrário, devem inibir e coibir todo e qualquer tipo de reação e

2 De acordo com (Pelúcio, 2009, p. 203) são T-lovers apenas os grupos restritos de homens que gostam de fazer sexo com travestis e que vêm se organizando em várias grandes cidades do país e do exterior, em torno de encontros off-line e fóruns de debate via internet, motivados pela atração que sentem pelas T-gatas.

de conversas que propiciem esse tipo de direcionamento.

Naquele momento, Louranya rindo e descontraída respondeu que a intenção era essa mesma de mostrar que é linda e gostosa e que se sente bem desta maneira e precisa mostrar isso na rede. A coordenadora pedagógica continua se manifestando e compara a roupa do primeiro autor deste trabalho com a roupa usada por Louranya:

> **[Coordenadora Verônica]** Por exemplo, eu acho você um rapaz muito bem composto e elegante que tem uma orientação sexual gay, **mas que não precisa vestir roupas de mulheres para sair nas ruas e eu acho isso muito legal.** Nada contra sua forma de vestir viu Binho, mas **eu prefiro quando é assim mais comportado e que não precisa ter que se vestir com roupas femininas e nem modificar o corpo**.

A transfobia aqui aparece nitidamente via processo de orientação de como as pessoas devem se portar nos lugares, como devem se vestir de acordo com o gênero que outras pessoas lhe atribuem. O gay pode ser "elegante e bem composto" na medida em que mantenha seus traços de masculinidade visivelmente palpáveis. Em contrapartida a travesti que faz usos, abusos e extravagâncias com as suas vestimentas deveria ser mais comportada e que não há necessidade de vestir roupas femininas para sair pelas ruas. Se quiser ser bem visto e benquisto por todas as pessoas deve aderir a um jeito "comportado" de ser, ou seja, estar na cisnormatividade.

Há um processo de violência incutido nesse comentário que atesta para a falta de entendimento de como se configuram as vivências de travestis e transexuais na sociedade em geral. O dizer "não ter nada contra a forma de vestir, mas" produz e reitera todo um discurso transfóbico que deslegitima as formas de se vestir e de portar-se que não estão obedecendo a regras impostas pelos padrões cisnormativos.

A utilização do nome Binho pela coordenadora é enfática no sentido de reforçar a ideia de que a travesti professora é um homem e que na escola deve ser chamado pelo nome no documento ou pelo seu apelido no masculino. Há aí uma negação do direito de utilização do nome social, o que constitui outro ato de violência e cerceamento dos direitos de as pessoas serem nomeadas como desejam nos espaços sociais.

Independentemente de haver uma regulamentação na instituição para a utilização do nome social, há a vigilância e a punição às individualidades e particularidades da travesti professora que é evidenciado o tempo todo na escola e também nos espaços da comunidade. A transfobia desse modo encontra 'respaldo' nos argumentos produzidos sobre como deve ser xs professorxs e como devem agir nos espaços da escola e na produção dos conhecimentos e nas suas relações com xs alunxs.

Após Verônica fazer os comentários, Louranya argumenta:

> **[Louranya]:** Ah depende do ponto de vista de cada um né. Danilo se sente bem da forma como ele se apresenta socialmente e isso é o que importa. Devemos entender que cada pessoa é um ser diferente e que vê o mundo de uma forma diferente e que por isso buscam meios para viver do modo que melhor se sentirem bem consigo mesmas. Eu me sinto bem sendo assim e ele se sente bem dessa maneira e eu acho que é isso o que importa.

A todo o momento Louranya parecia bem confiante e convicta do que dizia. Ao ser questionada por conta das roupas femininas, ela afirma que esse tipo de observação não deveria ser discutida, pois o que ela é ou deixa de ser para além dos portões da escola não dizia respeito a ninguém ali dentro.

A própria presença de Louranya como professora é uma forma de contestação ao modelo cisnormativo e de resistência aos constantes processos de silenciamento e de violências que atinge as travestis no Brasil. Ela busca uma ruptura com os estereótipos sobre ser travesti existentes em nossa sociedade. De alguma maneira, ela borra com este ideal de travesti no singular para fazer eclodir formas de travestilidades diversas e com isso também nos ensina.

Referências

ANDRADE, S. S. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pró-estruturalistas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 175-196.

ÁVILA, Milene Peixoto. **"Periferia é periferia em qualquer lugar?"** Antenor Garcia: estudo de uma periferia interiorana. São Carlos: UFSCar, 2006.

BAUER, M. W.; JOVCHELOVITCH, S. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 90- 113.

BENEDETTI, M. **Toda feita:** o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos:** novos olhares na pesquisa em educação. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007, p. 103-127.

GUIMARÃES, Iracema Brandão. Periferias e territórios sob efeitos conjugados de precarização: algumas tendências. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 89-104, 2011.

JESUS, J. G. Transfobia e crimes de ódio: assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. **História Agora**, v. 16, p. 101-123, 2014.

PELÚCIO, L. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 522-534, set. 2006.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume-Fapesp, 2009.

SANTOS, R. F. **As aparências enganam?:** a arte do fazer-se travesti. Curitiba: Appris, 2015.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015. 244fls.

Recebido em 2018-06-20
Publicado em 2019-01-06